# Capítulo 99
# O Oriente Médio

## 1. Árabes x judeus

"Com cerca de 230 milhões de habitantes no início dos anos 90 e quase 7,2 milhões de quilômetros quadrados, o Oriente Médio corresponde ao nordeste da África e à parte ocidental da Ásia, entrando pela Europa (na Turquia européia). Engloba, portanto, a Turquia, Chipre, o Egito e os países do Levante, da península Arábica e do golfo Pérsico.

Estendendo-se por três continentes, o Oriente Médio pertence tanto ao mundo árabe quanto ao mundo muçulmano. Mas é bom lembrar que, apesar de ficar no coração do Islã e abrigar as três cidades santas dessa religião (Meca, Medina e Jerusalém), representa apenas uma parte do mundo muçulmano, que vai da África Negra à Indonésia e reúne cerca de 850 milhões de pessoas. Da mesma forma, embora a maioria dos habitantes seja árabe, em alguns países da região, como o Irã e a Turquia, a população não é árabe, mas indo-européia ou turco-mongólica. Por fim, boa parte do mundo árabe se encontra não no Oriente Médio, mas na África oriental (Somália e Djibuti) e setentrional (Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia).

O clima desértico e semidesértico marca essa parte do mundo. A aridez é agravada por temperaturas que no verão ultrapassam os quarenta graus, e os desertos cobrem a maior parte do Egito (incluindo o Sinai) e da península Arábica, assim como o sul da Síria e os planaltos do Lut e do Kavir, no Irã. Ralas estepes se estendem sobre a Ásia Menor (parte asiática da Turquia), os planaltos iranianos e o norte da Síria. As únicas regiões que escapam à aridez são o vale do Nilo, as planícies do litoral da Turquia e do Levante, a Mesopotâmia (no Iraque), as proximidades do Cáucaso e algumas partes do sul da península Arábica. Em vista dessas condições geográficas, a posse da água e das terras cultiváveis foi sempre decisiva na história da região.

No Oriente Médio, países menores que o estado de Sergipe, como Israel e o Kuwait, convivem com outros muito extensos, capazes de abrigar populações consideráveis, como o Egito ou o Irã. Além de a ocupação humana ser muito descontínua, existem grandes diferenças econômicas entre as ricas nações produtoras de petróleo (Arábia Saudita, Omã, Barein, Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos) e os países quase desprovidos de matérias-primas ou sujeitos à pressão demográfica (Egito, Jordânia, Síria, Turquia).

Um dos fatores que fazem do Oriente Médio uma zona de grande instabilidade é a divisão política arbitrária, que criou um mosaico de Estados cujas fronteiras são, na maior parte das vezes, artificiais — em larga medida resultantes do desmantelamento do Império Otomano, após a I Guerra Mundial (1914-1918). Por conseqüência, existem várias tensões não resolvidas, entre as quais o problema de dois povos dispersos, que lutam para fundar uma pátria independente: os palestinos (cinco milhões de pessoas) e os curdos (cerca de vinte milhões).

A política da região é marcada por muitos antagonismos territoriais, políticos e religiosos. Buscando superar parte desses antagonismos, há o velho sonho do pan-arabismo, ou seja, a união de todos os povos árabes. Esse é o principal objetivo da Liga Árabe, fundada em 1945. Os enormes obstáculos a essa unidade ficaram bem mais evidentes depois de 1948, com o surgimento do Estado de Israel. Com cerca de cinco milhões de habitantes, dos quais quase quatro milhões são judeus, Israel conta com o apoio dos Estados Unidos e da comunidade judaica internacional."

(Extraído de: *Guerra e Paz no Oriente Médio*, de Michel Treignier. São Paulo, Ática, 1994, p. 5-6. Série História em Movimento.)

Vimos em capítulos anteriores que a região da Palestina foi ocupada na Antiguidade pelo povo hebreu (também denominado povo judeu). Em 63 a.C. a região foi conquistada pelos romanos. No ano de 66 da nossa era, os judeus se rebelaram contra os dominadores, mas foram duramente reprimidos. Milhares de judeus foram mortos, outros foram vendidos como escravos. Outros ainda fugiram ou foram expulsos da região. Os judeus ficaram sem pátria. Foi a chamada *diáspora*.

Com a diáspora, muitos judeus se fixaram em regiões próximas da antiga Palestina. Outros se fixaram em terras mais distantes, sobretudo países da Europa. Após a colonização da América, judeus passaram a se dirigir para os

Estados Unidos, a Argentina, o Brasil. Também se fixaram na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

Durante os 1 800 anos seguintes, a região da Palestina foi sendo ocupada por moradores árabes, sobretudo palestinos, considerados "primos" dos judeus, já que palestinos e judeus são de origem semita.

**Um "lar" para os judeus** — Foi no final do século XIX, exatamente em 1897, que ressurgiu a idéia de criar novamente um "lar", uma pátria, para os judeus. Quem lançou essa idéia foi um judeu austríaco chamado Theodor Herzl. O movimento iniciado por Herzl recebeu o nome de *sionismo* ou movimento sionista. O objetivo do movimento sionista era conseguir uma pátria para os judeus espalhados pelo mundo.

Naquela época a Palestina era dominada pela Turquia. Na I Guerra Mundial, a Turquia aliou-se à Alemanha, contra a Inglaterra e a França, portanto. Terminada a guerra, os turcos foram expulsos e substituídos pelos ingleses, que passaram a controlar a Palestina sob o sistema de mandato (espécie de colônia provisória, até que a região alcançasse a independência).

Os ingleses estavam com um grave problema pela frente: tinham prometido a independência aos árabes em troca do apoio para expulsar os turcos; e tinham prometido aos judeus apoio na criação de um Estado judeu justamente onde ficava a Palestina. O apoio britânico aos sionistas tinha sido feito por Arthur Balfour, ministro inglês do Exterior.

Sentindo-se confiantes com a declaração de Balfour, muitos judeus começaram a emigrar para a Palestina. Compravam terras e se estabeleciam em núcleos cada vez mais numerosos. Na década de 30, com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, os judeus alemães passaram a ser perseguidos. Muitos deles fugiram e um grande número foi para a Palestina. Em 1936, os judeus já constituíam 34% da população.

**Começam os conflitos** — Os árabes, por sua vez, ficavam cada vez mais temerosos de perder suas terras com a chegada em massa de estrangeiros. Ocorriam ataques a colonos judeus. Em 1936 estourou a primeira revolta árabe. Bases e instalações inglesas foram atacadas; judeus foram assassinados. A Inglaterra reagiu com violência, esmagando a rebelião; em seguida armou 14 000 colonos judeus para que pudessem defender suas colônias.

Com o agravamento da situação, em 1939 a Inglaterra anunciou que suspenderia a imigração de judeus dentro de cinco anos. Isso causou revolta entre a comunidade sionista, que se sentiu traída. Mas o ressentimento contra os ingleses diminuiu com o início da II Guerra Mundial, pois a Inglaterra era contra os nazistas alemães.

Durante a II Guerra e sobretudo depois dela, o afluxo de judeus para a Palestina se intensificou enormemente. Num espaço tão reduzido e oferecendo condições de sobrevivência extremamente duras — grande parte da região é desértica —, tanto judeus quanto árabes perceberam que teriam de lutar uns contra os outros para sobreviver. Logo estavam se emboscando e se matando.

A Inglaterra tentou de novo conter a imigração, mas a reação dos judeus foi violenta, chegando alguns grupos terroristas, como o Irgun, a destruir instalações inglesas. Em 1946, por exemplo, o quartel-general dos ingleses, instalado no hotel Rei Davi, em Jerusalém, foi dinamitado pelo Irgun, morrendo em conseqüência 91 pessoas.

Apesar disso, o movimento sionista conseguia muita simpatia e apoio internacional, em grande parte devido às perseguições sofridas pelos judeus durante a II Guerra. Os Estados Unidos passaram a pressionar a Inglaterra para liberar a imigração. Judeus americanos ajudavam com grandes somas de dinheiro as famílias dos sobreviventes dos campos de concentração.

**O plano de partição da ONU** — O movimento de apoio à criação de um Estado judeu chegou à recém-fundada Organização das Nações Unidas. Era no âmbito da ONU que poderia ser decidida a questão. O presidente americano Harry Truman pressionou e a ONU estabeleceu um plano de *partição da Palestina* em duas metades, uma para os palestinos e outra para os judeus.

Enquanto isso, os ingleses tentavam manter a paz entre os dois lados, mas nada conseguiam. Eram atacados tanto pelos árabes quanto pelos sionistas. Como sua situação era insustentável, em 1948 decidiram simplesmente retirar-se. Imediatamente, o líder sionista Davi Ben Gurion proclamou a criação do Estado de Israel, assumindo como primeiro-ministro e formando um gover-

no. O novo Estado foi atacado pelos exércitos do Egito e da Jordânia. Os árabes queriam eliminar o novo inimigo. Mas não conseguiram. Israel tinha poucos soldados, mas armamentos mais modernos e sobretudo superior preparo militar e moral. Em 1949 foi firmada uma trégua. Além de ganharem a primeira guerra contra os árabes, os israelenses se apoderaram de um território bem maior do que o que havia sido estabelecido pela ONU.

**Palestinos: um milhão sem teto** — A pior conseqüência da guerra entre Israel e os árabes foi o deslocamento forçado de cerca de um milhão de árabes palestinos. Muitos deles fugiram de suas casas para não serem atingidos pelo fogo cruzado entre os exércitos árabes e o exército judeu. Terminada a guerra, Israel levantou cercas de arame farpado em torno de seu território. Os fugitivos foram impedidos de voltar. Muitos palestinos que não haviam fugido foram simplesmente expulsos de suas casas e propriedades pelos colonos judeus. Os palestinos sem teto passaram a morar em acampamentos improvisados no Egito, na Jordânia e no Líbano. O ódio que se formou a partir de então deu origem a mais guerras e a ações de terror e sangue que duram até hoje.

**O Egito no cenário de guerra e paz** — Como vimos no capítulo 96, o Egito era colônia da Inglaterra, tornando-se independente na década de 20. Mas a Inglaterra continuou controlando a política do país até a década de 40, quando se retirou, deixando apenas tropas no canal de Suez. Em 1952 um grupo de oficiais nacionalistas do exército egípcio derrubou a monarquia e implantou a república. Em 1956, o líder desses oficiais, *Gamal Abdel Nasser*, tornou-se presidente do Egito. Nasser tinha indiscutível liderança no mundo árabe. E o Egito passou a dar abrigo a palestinos que desejavam preparar-se para atacar Israel em ações rápidas e isoladas. Esses guerrilheiros palestinos eram chamados *fedayins*. Seu objetivo era reconquistar as terras tomadas por Israel.

As posições nacionalistas, antiimperialistas e anti-sionistas do Egito despertaram forte reação nos países ocidentais. A tensão atingiu o auge em julho de 1956, quando Nasser nacionalizou o canal de Suez, isto é, assumiu a posse do canal. Até então o canal pertencia a uma companhia franco-britânica. Inglaterra, França e Israel armaram uma operação visando derrubar o presidente egípcio.

Israel invadiu o Egito; a Inglaterra e a França atacaram a zona do canal. Os egípcios afundaram navios no canal, obstruindo a passagem de qualquer embarcação. Nos países árabes simpatizantes do Egito, oleodutos que conduziam petróleo aos países ocidentais foram explodidos, cortando o fornecimento de óleo. Diante desse quadro, sobretudo diante da ameaça de falta de petróleo, a reação internacional foi violentíssima, obrigando os agressores a recuar. A ONU organizou uma força militar (integrada inclusive por soldados brasileiros) para garantir a paz na zona limítrofe entre Israel e Egito.

A firme reação de Nasser perante a agressão externa transformou-o em herói. Tornou-se líder não só dos egípcios, mas de todos os árabes. Nasceu daí uma aliança entre o Egito, a Síria e a Jordânia. Israel era a grande ameaça. Tornava-se necessário preparar forças militares poderosas, capazes de enfrentar com vantagem o poderio militar judeu. Enquanto Israel obtinha ajuda financeira e armas dos Estados Unidos, o Egito e a Síria armavam-se com fornecimentos vindos da União Soviética. A partir da Guerra de Suez, o Egito e a Síria concentraram grande parte dos esforços e dos recursos de que dispunham na preparação de uma guerra total e final contra Israel. Havia uma confiança total na vitória: Israel seria derrotado e deveria ceder seu território aos palestinos.

**A Guerra dos Seis Dias** — Israel conhecia em detalhes os preparativos dos árabes. Os militares israelenses sabiam que mais dia menos dia teriam de enfrentar uma nova guerra. Portanto, todo o esforço em treinamento militar e em armamentos para evitar uma derrota era pouco. Tratava-se de uma situação de vencer ou desaparecer.

Em junho de 1967, no auge da exaltação árabe, Israel decidiu tomar a iniciativa do ataque. Atacando antes, teria a vantagem de sair na frente e surpreender o inimigo, deixando-o na defensiva. Na madrugada de 5 de junho de 1967, levas sucessivas de aviões de caça israelenses atacaram maciçamente as bases onde estavam estacionados os aviões egípcios. Praticamente toda a aviação egípcia foi posta fora de combate. Ao mesmo tempo, Israel avançava com uma gigantesca formação de tanques sobre a península do Sinai, em

direção ao canal de Suez. Nos dias seguintes, Israel avançou contra a Jordânia, apoderando-se da cidade de Jerusalém e da margem ocidental do rio Jordão; contra a Síria, os soldados israelenses conseguiram significativa vitória ao tomar as colinas de Golã.

A chamada *Guerra dos Seis Dias* (durou exatamente seis dias) representou um golpe terrível nas pretensões árabes. Mostrou que eles não estavam preparados para enfrentar um inimigo pequeno em território e população, mas extremamente preparado do ponto de vista militar. Israel aumentou significativamente seu território: anexou a península do Sinai, parte da cidade de Jerusalém, a margem ocidental do rio Jordão e as colinas de Golã.

A ONU reagiu a essa política expansionista de Israel, votando a *Resolução 242*, que exigia a imediata retirada de Israel dos territórios ocupados na guerra. Israel não obedeceu à resolução da ONU.

**Arafat assume a liderança da OLP** — Numerosos guerrilheiros palestinos lutaram ao lado dos egípcios, dos jordanianos e dos sírios na Guerra de Suez e na Guerra dos Seis Dias. A derrota na guerra de 1967 deixou-os em situação ainda pior do que aquela em que se encontravam. O número de sem teto nos campos de refugiados aumentou.

Algumas lideranças palestinas decidiram então dedicar-se a lutar contra Israel com suas próprias forças. Os palestinos já tinham uma organização política que os representava: a **Organização para a Libertação da Palestina - OLP**. Fora fundada em 1964, com o objetivo de reconquistar as terras usurpadas pelos judeus. Sob a liderança de um engenheiro chamado *Yasser Arafat*, em 1969 a OLP decidiu redirecionar sua linha de ação. Passou a montar campos de treinamento militar para jovens palestinos e criou seu braço armado: a *Al Fatah.*

Ações terroristas desencadeadas por militantes palestinos começaram a fazer parte do cotidiano de Israel. Algumas delas: ataque a bomba contra um avião israelense no aeroporto de Atenas, em 1968; seqüestro e destruição de três aviões de passageiros de empresas ocidentais no deserto da Jordânia, em 1970; seqüestro e assassinato de 11 atletas israelenses que participavam da Olimpíada de Munique, na Alemanha, em 1972. Alguns grupos terroristas de outros países passaram a apoiar com ações armadas o movimento palestino. Um membro do Exército Vermelho, formado por ativistas japoneses, matou diversas pessoas no aeroporto israelense de Lod. O terrorista internacional de origem venezuelana Carlos, "o Chacal", seqüestrou em Genebra toda a cúpula da OPEP — Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

Guerrilheiros palestinos começaram também a se infiltrar na fronteira de Israel, atacando em ações isoladas com o objetivo de atingir determinado alvo, como um soldado, um colono, um quartel. Normalmente os atacantes acabavam mortos pelo vigilante exército israelense, mas as baixas no lado judeu eram elevadas em conseqüência dessas ações. Qualquer suspeita de concentração de guerrilheiros palestinos desencadeava ataques rápidos e violentos por parte das forças israelenses. Os alvos eram geralmente os campos palestinos da Jordânia e do Líbano.

**"Setembro Negro"** — A presença palestina nesses países passou a afetar a vida da população local, nem sempre inteiramente solidária com a política do terrorismo adotada pelo grupo de Arafat. O rei da Jordânia, principalmente, pressionava a liderança palestina para que controlasse o radicalismo de seus militantes. Como isso não surtiu efeito, em setembro de 1970 o exército jordaniano tentou impor pela força sua ordem nos acampamentos palestinos, que funcionavam praticamente como um Estado independente. Os guerrilheiros palestinos reagiram, mas sofreram severas baixas. Morreram milhares de pessoas, inclusive não guerrilheiros. O episódio ficou conhecido como "Setembro Negro". Praticamente todos os palestinos da Jordânia emigraram para o Líbano.

**Yom Kippur** — A Guerra dos Seis Dias afetou profundamente os países árabes inimigos de Israel. Estava claro que não bastava muita retórica para ganhar uma guerra. Os exércitos árabes encontravam-se numa situação de bastante atraso em relação ao exército israelense, sobretudo no campo do treinamento. Os soldados israelenses provinham em sua maioria de camadas sociais instruídas. Muitos possuíam formação superior. Assimilavam com rapidez o uso de armamentos sofisticados. Seus engenheiros conhe-

ciam em profundidade os mecanismos de funcionamento de tanques e blindados, o que era absolutamente necessário num cenário de guerra dominado pela areia. Os pilotos israelenses provaram que eram os melhores do mundo.

O Egito e a Síria fizeram nova aliança e trataram de comprar novas armas da União Soviética. Procuraram também modernizar em todos os sentidos suas forças armadas. Apesar do golpe representado pela derrota de 1967, Nasser continuou à frente do povo egípcio. Mas um ataque cardíaco o matou em 1970. Sucedeu-o o vice-presidente da República, Anuar Sadat.

Em outubro de 1973, num movimento de surpresa, o Egito e a Síria atacaram Israel. As forças egípcias conseguiram cruzar o canal de Suez e tomar de assalto as fortificações — "linha Bar-Lev" — israelenses erguidas ao longo do canal. Em seguida, avançaram profundamente dentro da península do Sinai. A Síria, por sua vez, recuperou as colinas de Golã.

Pela primeira vez Israel foi tomado de surpresa. Era o dia do Yom Kippur, festa judaica, e a maioria dos soldados estava de licença. Apesar disso, os israelenses passaram rapidamente da defensiva para a ofensiva. Avançaram maciçamente tanto contra os egípcios quanto contra os sírios. Depois de três semanas, haviam recuperado as posições perdidas. Nesse momento as superpotências entraram em ação para suspender as hostilidades. Como os Estados Unidos armavam Israel e a União Soviética armava a Síria e o Egito, o destino da guerra passava necessariamente pelas duas superpotências. Havia o receio de um conflito de proporções maiores. Um cessar-fogo foi conseguido, com cada lado mantendo as posições conquistadas. Israel perdeu 2 800 soldados; cerca de 8 000 foram feridos. Proporcionalmente à população do país, eram baixas pesadas.

**Rumo à paz** — O estado de guerra permanente contra o inimigo vizinho representava um peso enorme para o Egito. Como a maior parte do orçamento era destinada à compra de armas cada vez mais caras e sofisticadas, pouco sobrava para os investimentos em setores vitais do país. O povo egípcio continuava na miséria.

Em 1977, Anuar Sadat mudou radicalmente sua política. Afastou-se da União Soviética e aproximou-se dos Estados Unidos, visando atrair capitais para seu país. E com o objetivo de concentrar os esforços do governo no desenvolvimento econômico, Sadat queria paz com Israel.

Do lado israelense, também havia uma disposição para negociar. A guerra estava pesando cada vez mais no orçamento. O desenvolvimento podia ficar comprometido. Um movimento interno, chamado "Paz agora", pressionava pelo fim das hostilidades com os árabes. A situação econômica se agravava. Havia greves.

O presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos, patrocinou o processo de conversações entre Egito e Israel que culminaram com a assinatura dos Acordos de Camp David, em 1978. Acordos finais foram assinados no ano seguinte. Eles previam a devolução da península do Sinai ao Egito, em troca do reconhecimento, por parte do Egito, do Estado de Israel e do fim das hostilidades.

Sadat foi considerado traidor por muitos árabes. Em 1981 foi assassinado por soldados durante um desfile militar.

**As pedras da Intifada** — Expulsos de sua terra, desalojados da Jordânia e do Líbano (ver item 2. *Complicações no Líbano*) e abandonados pelos antigos aliados, os palestinos rumavam cada vez mais pelos caminhos do desespero. Ações terroristas contra alvos israelenses e contra alvos ligados a países aliados dos Estados Unidos começaram a se multiplicar. A cada uma delas, Israel revidava com força redobrada. Geralmente o número de mortos entre os palestinos era muito maior do que entre os israelenses. Tornava-se extremamente perigoso aos soldados israelenses controlar as regiões ocupadas, sobretudo a Faixa de Gaza. Ali a revolta palestina explodiu em 1987. Era uma forma de resistência que envolvia sobretudo crianças e jovens. Eles atiravam pedras contra os israelenses, que geralmente reagiam a bala. A revolta da Faixa de Gaza, que se estendeu também à Cisjordânia ocupada, recebeu o nome de *Intifada* e constitui um marco na resistência palestina.

**Novos passos rumo à paz** — A década de 90 se iniciou com as grandes reformas do mundo socialista. Em diversos pontos do planeta as negociações passavam a substituir antigos conflitos armados. Assim, negociações secretas, intermediadas por diplomatas da Noruega, se ini-

ciaram entre representantes da OLP e do governo israelense. E foi com surpresa que em 1993 o mundo tomou conhecimento dos primeiros acordos entre as duas partes. Os acordos previam a autonomia gradual dos territórios palestinos ocupados. Em maio de 1994 foi assinado o *Acordo sobre a Faixa de Gaza e a área de Jericó*, oficializando o processo de desocupação dessas duas áreas pelo exército de Israel.

E em agosto de 1995, Israel e a OLP assinaram outro acordo parcial prevendo a transferência total da Cisjordânia para os palestinos.

No mesmo momento (2º semestre de 95), Israel negociava também com a Síria a devolução da área das colinas de Golã.

## 2. Complicações no Líbano

Vimos que boa parte da comunidade palestina se concentrava no Líbano. Essa comunidade aumentou muito depois do Setembro Negro, quando maciços contingentes de refugiados saíram da Jordânia e foram engrossar a população palestina do Líbano.

Os palestinos do Líbano formavam quase que um Estado independente. O governo libanês pouco interferia na vida deles. Nos acampamentos os guerrilheiros palestinos se exercitavam para ações armadas contra Israel. Em pequenos grupos, partiam para ataques contra alvos em território israelense.

A população cristã do Líbano não via com bons olhos a presença de palestinos no país. A população muçulmana não palestina, por sua vez, ao demonstrar solidariedade aos estrangeiros, entrava em choque com os cristãos. Além dessa, outras desavenças contribuíram para o início de uma guerra civil entre milícias cristãs e milícias muçulmanas. Embora se mantivessem afastados da luta, os palestinos acabaram entrando na guerra ao lado das forças muçulmanas de esquerda. Em 1976 a Síria interveio, com o objetivo de controlar o Líbano.

Em 1982, Israel viu que a oportunidade era boa para atacar os palestinos. Invadiu o Líbano numa operação militar de grandes proporções. Os guerrilheiros palestinos foram duramente atingidos, tendo de abandonar o Líbano. A maioria se dirigiu para a Tunísia. O governo israelense queria impor ao Líbano um governo cristão amigo, capaz de manter os palestinos sob controle. Não conseguiu, pois a guerra civil continuou encarniçada.

Em 1985 a Síria, depois de subjugar as facções em luta, conseguiu estabelecer um governo unificado. Mas a paz só foi restabelecida totalmente em 1991. O Líbano continua sob forte influência, quase controle, da Síria.

## 3. Turbulências no Irã

Até 1979, o Irã era governado por uma antiqüíssima dinastia, cujo titular era então o xá Reza Pahlevi. O Irã é riquíssimo em petróleo. O xá queria utilizar o dinheiro das exportações de petróleo para transformar a economia do país, tornando-o moderno e avançado, nos moldes das economias ocidentais. Seu governo autoritário e pró-ocidental veio despertando o ódio da população, de maioria muçulmana. Os líderes religiosos estavam quase todos presos ou exilados. Um deles exercia fortíssima influência sobre as massas do país. Era o aiatolá *Ruholah Khomeini*, exilado em Paris. De lá, instigava os fiéis contra a tirania do monarca. O ódio das massas radicais explodiu em 1979 num movimento que obrigou o xá a fugir do país. Khomeini voltou e assumiu a liderança política e espiritual do Irã. A vida da sociedade iraniana mudou, voltando aos rígidos hábitos prescritos pela religião muçulmana.

As novas posições políticas do Irã repercutiram também no Iraque, arquiinimigo do Irã. Em 1980, aproveitando-se de uma aparente situação de instabilidade interna do país vizinho, o Iraque invadiu o Irã. Seu objetivo era apropriar-se da região de Chatt-el-Arab, com saída para o golfo Pérsico e ricos campos petrolíferos. O Irã reagiu e conseguiu conter o exército iraquiano. A guerra só terminou em 1988, com um saldo estimado de mais de 500 000 mortos.

## 4. Novas aventuras do Iraque

Em 1990, o Iraque invadiu e ocupou o Kuwait, alegando que este pequeno país seria, por razões históricas, parte integrante do Iraque. O Iraque tinha sido armado pelos Estados Unidos. Agora, porém, sob a liderança de Saddam Hussein, o Iraque tomava posições anti-Israel e antiamerica-

nas. A invasão do Kuwait, riquíssimo em petróleo, ameaçava o fornecimento de petróleo aos países ocidentais. A ONU, pressionada sobretudo pelos Estados Unidos, ordenou ao Iraque que se retirasse do país vizinho. Como isso não aconteceu, em janeiro de 1991, uma força militar encabeçada pelos Estados Unidos, mas sancionada pela ONU, atacou o Iraque. Em pouco dias o exército do Iraque estava derrotado e o Kuwait libertado.

## 5. A "arma" do petróleo

"Foi na crise de 1956, com o fechamento do canal de Suez, que o petróleo se transformou em arma estratégica dos árabes. A exploração das jazidas se encontrava então nas mãos das grandes companhias ocidentais, como a Standard Oil, a Shell e a British Petroleum. Elas destinavam uma parte dos lucros aos países produtores (que a consideravam pequena demais) e cobravam um preço baixo pelo produto.

Com a fundação da Opep (1960), os países produtores passaram a exigir uma parcela maior dos lucros. Enquanto isso, o Ocidente consumia quantidades cada vez maiores de petróleo, que continuou barato durante toda a década de 60: cerca de dois dólares o barril (159 litros).

A Opep foi conseguindo novas adesões e em 1973 já representava 55% da produção mundial de petróleo. A partir de 1970, por iniciativa da Líbia, da Argélia e do Irã, os países produtores retomaram a idéia de nacionalização, abandonada desde o fracasso de Mossadegh. Os acordos de Teerã e de Trípoli (1971) ratificaram uma elevação do preço do petróleo bruto, e o de Riad (1972) trouxe o aumento na participação dos países produtores nos lucros.

No fim de 1973, a quadruplicação do preço do barril provocou a primeira *crise do petróleo*, um sério golpe nos países consumidores. Mas a elevação dos preços era uma faca de dois gumes. A Opep ficou impopular no Ocidente, que a responsabilizava por todas as dificuldades desse período, embora os novos preços apenas cobrissem a defasagem acumulada nos anos 60. Ela só poderia conservar seu poder enquanto os países membros se mantivessem solidários, e isso não aconteceu: a Arábia Saudita, pró-ocidental, opunha-se aos "duros" da organização, liderados pela Líbia. Por fim, embora os países produtores nacionalizassem as jazidas, continuaram dependentes das grandes companhias ocidentais para a prospecção, o transporte e a comercialização.

Depois da segunda crise do petróleo (1979-80), veio o contrachoque. As políticas de economia de energia implementadas pelos países ocidentais e a chegada de novos produtores ao mercado provocaram uma estabilização e depois uma queda do preço: 25 dólares o barril em 1985, 15 no ano seguinte. A Opep (cuja participação na produção mundial de petróleo caiu em 1988 para apenas 34%) passou a enfrentar sérios conflitos internos. Para manter os preços, a única solução fo impor cotas máximas de produção aos países membros, mas essas cotas não foram respeitadas. Só depois do fim da Guerra Irã-Iraque em 1988, os preços se estabilizaram entre quinze e vinte dólares o barril. Ao contrário da expectativa geral, a Guerra do Golfo (1991) não produziu um aumento duradouro dos preços."

(Extraído de: *Guerra e Paz no Oriente Médio*, de Michel Treignier. São Paulo, Ática, 1994, p. 40. Série História em Movimento.)

# Questões propostas

1. O que foi a diáspora?

2. O que era a idéia de um "lar" para os judeus e quem lançou a proposta?

3. O que foi a partição da Palestina? Em que ano foi proposto este plano?

4. Quantas guerras ocorreram entre árabes e judeus em torno da ocupação da Palestina? Quais foram?

5. O que representaram os acordos de 1993 entre Israel e a OLP?

6. O que representou a revolução iraniana de 1979?

7. Por que ocorreu a Guerra do Golfo?